

OS PEQUENOS PROFETAS NAS RUAS

Ana Maria Caramujo Pires de Campos

Quando nos deparamos com tantas crianças vivendo nas ruas¹, meninos e meninas de todas as idades, sentimo-nos profundamente tocados por essa triste realidade. Uma realidade tão distante de nós e ao mesmo tempo tão próxima porque convivemos com ela todos os dias. Todos os dias eu os observava e me perguntava o que poderia fazer por essa realidade tão cruel, pela qual eu, como cidadã, também tinha responsabilidade ainda por assumir. Queria muito poder ajudar se fosse possível, mas não sabia de que maneira. A única certeza era a de que a esmola nunca ajudou ninguém a crescer. Um certo dia, no ano de 1997, por indicação de uma amiga e colega de trabalho, uma instituição conveniada com um órgão público – que aqui a chamarei de “CASA”, me procurou para atender um rapaz de 18 anos que vivia nas ruas e parecia estar empenhado em transformar sua realidade. Recordo-me desse convite com a manifestação de uma alegria incomum, lembro-me do “coração sorrindo”, da satisfação em poder “servir” e sem titubear aceitei o desafio com a clareza de estar “tocando” um campo desconhecido. Além das técnicas convencionais, propus-me a trabalhar com música na terapia, com o objetivo de “tocar” a instância que vai além do racional, de maneira harmônica e alegre, e principalmente por saber dos efeitos que a música produz no cérebro, na psique, e na cura do corpo e da alma. Ao conversar com a equipe da “CASA”, deixei clara a minha intenção de trabalhar e o meu desconhecimento nessa área, propondo uma troca de experiências. Houve empatia entre nós e começamos um trabalho juntos. Atendi o primeiro rapaz (aqui o chamarei Joel), ele deveria ser encaminhado a uma instituição para maiores de 18 anos que poderia profissionalizá-lo. Ele me foi encaminhado por apresentar enurese e isso poderia impedi-lo de se adaptar à nova instituição. Joel é desnutrido, tem altura e peso de um garoto de onze, doze anos, tem anemia falciforme, necessita de atendimento

constante para o controle da doença. Sua família é desestruturada e carente, ele é um dos 19 filhos de uma mãe bastante desorientada, seu pai foi embora quando ele era pequeno. Num determinado momento de sua vida, ele e dois irmãos foram atraídos para o grande “paraíso – as ruas”. É assim que “nossas crianças”, “filhas do mundo” solucionam suas vidas: “se livram da desestrutura familiar” (pais traficantes, alcólatras, drogaditos, mentalmente desequilibrados, violentos, perversos ou simplesmente imaturos e desorientados), e/ou da falta de recursos materiais. Parece que tentam fugir do seu “destino” sem perceberem que ali – no aparente “paraíso” acabam estagnados, perdidos e quase sem saída porque, se não morrem pela droga – craque ou “pedra” como eles mesmos nomeiam – morrem pela violência, e quando não morrem certamente não “vivem”

Joel alegava ter ido para rua porque a situação material em casa era muito difícil e precisava arrumar dinheiro. Sobrevivia pedindo e roubando nas ruas. Quando chegou na “CASA”, estava com muitas feridas nas pernas e andava com dificuldade. Ele cheirava cola e esmalte.

Joel viveu nas ruas desde os doze anos de idade (cinco ou seis anos nas ruas), mas não o bastante para viciá-lo e fazê-lo desistir do seu sonho de voltar à família. Apesar da “CASA” considerar mais saudável e seguro para ele que fosse encaminhado a uma instituição para maiores, que o profissionalizasse, do que voltar àquele ambiente desestruturante e sem recursos, o tempo todo em seu íntimo Joel desejou voltar para junto de sua mãe.

No decorrer da terapia, durante seis meses, Joel foi entrando em contato com sua realidade interior, e se fortalecendo internamente ao perceber sua responsabilidade com a própria vida, com sua existência, e foi internalizando aspectos que lhe possibilitariam sobreviver mais dignamente. Joel optou por voltar para sua casa e continua em tratamento na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. A “CASA” ainda o acompanha, ele está com muitos órgãos debilitados em função da própria doença que não havia sido tratada devidamente até então. Está tentando

aposentadoria por invalidez; sua mãe está mais empenhada em ajudá-lo.

Durante a terapia de Joel, a “CASA” me convidou para realizar algumas sessões para maior integração da equipe por estar passando por algumas dificuldades naquele momento. A equipe nessa época era composta por cinco “educadores de rua” (2). Eu aceitei apesar de alguns deles terem descartado a possibilidade do trabalho corporal por dificuldades pessoais. Recordo-me que me preocupei porque era exatamente isso que eu tinha em mente – trabalhar a equipe com alguma dinâmica de grupo a partir do corpo – embora ao mesmo tempo soubesse que surgiria alguma outra saída, apenas ainda não tinha bem claro qual seria. Surgiram várias técnicas, muitas idéias, mas me sentia inquieta e insegura, pois nenhuma me parecia tão eficaz quanto o trabalho corporal. Continuava tentando encontrar uma saída para aquela situação e então, uns três dias antes do trabalho, sonhei que formava uma pequena bandinha com aquela equipe. Não tive dúvidas, essa seria a melhor técnica para aquele trabalho! Levei alguns poucos instrumentos de bandinha emprestados e uma fita com músicas de roda não muito conhecidas. Minha proposta não era ensinar música, muito menos formar uma bandinha rítmica convencional, meu objetivo era sensibilizá-los para que o grupo pudesse experienciar a percepção de si mesmos e do outro através de uma nova forma de compreensão, que não a mental.

A partir dessa vivência, o grupo teve a oportunidade de diagnosticar e descobrir soluções para os problemas que estavam enfrentando porque foram “tocados” por uma “consciência maior” que vai muito além do pensar e do saber intelectual, foram “tocados” pela sabedoria do “coração”, através do do ritmo (o pulsar da própria vida), da melodia e da harmonia – enfim, a música (3). O grupo vivenciou a participação de cada integrante como uma importante parcela no resultado final de conjunto. Para tanto, seria preciso desenvolver a capacidade de ouvir o outro, saber o momento correto de entrar e executar sua parte, saber em que momento é necessário destacar-se do outro, em que momento deve executar o instrumento tão delicadamente, que o efeito é justamente

surpreendente por estar ali, mas de maneira a não encobrir os sons que, naquele momento, devem se sobressair para expressar a música com toda a sua beleza e harmonia. E também manter-se firme em sua execução sem se deixar influenciar pela execução do outro. Enfim, “tocar” em grupo implica em diferenciar-se do outro, participando conscientemente e cooperando para que no final a meta grupal seja atingida. Sem falar na importância da intenção que é passada para o instrumento ao “tocá-lo” para que ele seja o representante do sentimento, da alma de quem o executa, e aí sim chegamos ao resultado esperado – a música propriamente dita. Enfim, o trabalho implica num esforço e dedicação individual para uma transformação coletiva. Foi uma experiência muito enriquecedora para todos nós, na qual eu me coloquei apenas como observadora, e intermediando as relações, e o tempo todo os deixei livres para se organizarem da melhor maneira no sentido de obterem maior “harmonia musical”. Foi tudo muito lúdico para eles, ao longo do trabalho foram se descontraindo, deixaram sua “criança interior” livre para brincar, riam muito e demonstravam alegria e satisfação ao descobrirem que podiam, em grupo, realizar um bom trabalho; ora um dos integrantes liderava, ora outro, de acordo com a necessidade do momento. Nessa experiência o grupo pôde perceber que todos eram muito importantes na realização daquela tarefa. Ao longo deste trabalho, foram se percebendo com uma maior consciência e responsabilidade individual e coletiva no alcance da meta em comum. Passaram a olhar mais para si mesmos e com maior respeito e tolerância para o outro, uma vez que reconheceram suas limitações e dificuldades. Quando se alteram as circunstâncias, também se transformam as hierarquias. Este trabalho foi realizado em duas sessões de duas horas cada uma e foram espaçadas por um mês e meio, para que eles pudessem sentir e viver aquilo que observaram e concluíram com o grupo de trabalho. Em seguida, houve modificações significativas na “CASA”, e no seu quadro de funcionários.

O segundo rapaz que chegou ao meu consultório, eu o chamarei Baruc, tem 17 anos, mais ou menos 1,80 de altura, bem magro, viciado em craque e cola. Ele havia manifestado o desejo de se livrar do vício da droga e do

vício das ruas onde havia sofrido muita violência. Encaminharam-no para sensibilizasse para um posterior trabalho em grupo, no tratamento de desintoxicação. Baruc parecia estar interessado no trabalho, apesar de colocar impecilhos para um futuro trabalho em grupo, como por exemplo dos “Narcóticos Anônimos”, ou uma possível internação para realizar a desintoxicação. Baruc é um entre onze filhos. Sua mãe é alcólatra; o pai e o avô tem uma imagem mais preservada para Baruc, apesar de lhe parecerem muito fracos. Quando Baruc me foi encaminhado, Judite, sua filha, tinha acabado de nascer, e estava morando com a mãe num “mocó” (4) nas proximidades do Ceasa. Ele chegou ao meu consultório com um certo “ar de deboche”, despretenciosamente. Recordo-me que fui muito firme e segura em fazer-lhe algumas exigências e determinar limites bastante claros para que eu continuasse a atendê-lo. Houve empatia entre nós, isso pude sentir logo no início. Baruc aos poucos foi respeitando os limites e exigências, como por exemplo: tocar a campainha e me esperar em pé no portão ao invés de se “jogar” na calçada sentado ou deitado; vir à terapia sempre depois de passar na “CASA” para tomar banho, trocar de roupas, escovar os dentes, tomar café; não atrasar; não faltar sem avisar, etc...

Baruc gosta muito de música. No decorrer da terapia ele tocou instrumentos de percussão como atabaque, pandeiro, chocalho, ganzá, reco-reco, etc., explorou o teclado e o acordeon. Muitas vezes eu tocava músicas de roda ou baião no teclado e ele me acompanhava com alguma percussão, ou então ele cantava algum “Rap” tocando percussão, ou ainda acompanhava as músicas de discos. Havia muita alegria em seu rosto, e ele era assíduo, aproveitava cada “segundo” em terapia, e entoava aquelas canções pela rua com muita satisfação.

Às vezes desenhava, construía com blocos de madeira, e quanto simbolismo! Desenhava e construía igrejas, símbolos da época das cruzadas, etc., jogávamos dama, jogos da memória e outros no computador. Baruc passou a vir até o portão do consultório acompanhado dos irmãos, da mulher de um deles e então perguntavam a ele: agora

você vai ter aula de piano? Ele respondia. “aqui é legal, a gente toca, canta.” nessas ocasiões eu os orientava para que pedissem ajuda à “CASA” para que pudessem vir também para a terapia. Mas não obtinha resposta.

Depois de uns três meses, Baruc começou a se distanciar da “CASA”, já não participava das atividades todos os dias. Negou-se a ir ao N.A. (Narcóticos Anônimos). Na terapia também começou a faltar sem avisar, sumia, reaparecia depois de dias. Ele se desentendeu com a equipe da “CASA” porque começamos a agilizar sua internação para a desintoxicação. As notícias eram que ele estava envolvido com gente perigosa, e passou a roubar, assaltar, e estava “jurado de morte”. Quando Baruc reapareceu, estava assustado, com medo, mas nada contou a respeito dos últimos acontecimentos. A “CASA” o pressionou a se decidir pela internação, e ele disse que não queria, nem precisava da ajuda de ninguém, recusava-se a ir para algum tipo de instituição, a rua seria sua opção. Baruc ficou desaparecido um mês. Eu me sentia inconformada com essa resolução porque percebia que por um lado ele queria tentar uma reabilitação, mas, por outro, a força do grupo das ruas acabava sendo muito maior (estamos falando de adolescência!). Só sei que fixei o meu desejo em reencontrá-lo para uma última tentativa. Eu sabia que ele morava nas ruas do meu bairro, bem próximo do meu consultório e da minha residência, então percorria as ruas com a esperança de encontrá-lo. Num domingo eu estava no jardim da minha casa quando um dos irmãos de Baruc se aproximou e me disse que ele gostaria de falar comigo, mas estava com muita vergonha de se aproximar. Ele se encontrava a uns 10 metros de distância. Eu o chamei, nós conversamos, ele disse que gostaria de voltar à “CASA”. Disse-lhe que fosse até lá no dia seguinte, se ainda estivesse disposto à internação. No dia seguinte recebi uma ligação da “CASA”, dizendo que estavam providenciando a documentação necessária para a internação de Baruc; ele foi internado, mas depois de cinco dias voltou para as ruas alegando não ter aguentado o esquema de horário e a rigidez da instituição. Não o encontrei mais; soube

recentemente que ele se internou novamente, através de um grupo evangélico, mas também não suportou por muito tempo e está de volta às ruas.

Apesar de ter atendido Baruc durante apenas quatro meses, esse caso me fez refletir sobre muitas questões sociais, políticas, econômicas, religiosas e psicológicas que favorecem e mantêm esses meninos nas ruas. E em minhas reflexões pensei em propor uma atividade para a “CASA” que criasse uma força de grupo tão intensa quanto a força que eles encontram nas ruas, e para mim estava claro que a música poderia criar essa força. Surgiu-me a idéia de formar uma bandinha rítmica, e então convidei uma professora de música para realizar o trabalho, e me ofereci como voluntária para ajudá-la nas aulas. A “CASA” apreciou muito a idéia e iniciamos esse trabalho em fevereiro de 1999. Até a primeira quinzena de maio pudemos observar o quanto os meninos estão vinculados com o nosso trabalho. Iniciamos com cinco meninos, passou para oito, dez, doze, vieram também as meninas. Numa aula chegamos a trabalhar com dezoito crianças de sete a dezessete anos. Mas, nem sempre todos os meninos comparecem nossa clientela é bastante flutuante.

O nosso objetivo é muito maior do que a simples execução dos instrumentos e o aprendizado da música, muito embora esse aprendizado por si mesmo proporcione a vivência de inúmeras possibilidades, favorecendo a essas crianças e jovens uma maior percepção de si mesmos e da realidade que vivem. Nossas aulas acontecem uma vez por semana, por duas horas; fazemos leitura rítmica, cantamos, dançamos, tocamos vários instrumentos de percussão, contamos histórias, conversamos e também fazemos relaxamento, sempre num ambiente de alegria, descontração e amizade.

Essas crianças são muito especiais porque desde muito cedo precisam assumir a si próprias em todos os sentidos, sendo que, infância e adolescência seria justamente a idade de receber cuidados, orientação, educação, respeito e amor. No entanto, são obrigadas a desenvolver uma “autonomia”, uma “independência”, para continuarem a sobreviver apesar

de sua realidade, dos preconceitos, das injustiças, etc.

Por um lado vivem um mundo tão diverso daquele que se esperaria para alcançarem um desenvolvimento fisiopsíquico adequado, e ao mesmo tempo são tão iguais a todas as crianças - com muita alegria, vivacidade, “ginga”, mágica, fantasias, sonhos, “pureza de coração” e de sentimentos, esperanças, ideais, desejos - enfim, são CRIANÇAS. Mas como é difícil “enxergá-las”, como é difícil aceitarmos o nosso egoísmo, a nossa “negação” frente à realidade, os nossos preconceitos, que não são poucos, quando tentamos nos enganar “fazendo caridade” Eu pergunto “caridade” para quem?

Esses meninos e meninas de rua, estão nos dizendo a todo momento que são reflexo de uma sociedade, de uma organização econômica, política, e religiosa que não deu certo e portanto grita por urgentes transformações. E é por isso que os denominei “pequenos profetas”(5), porque há muito estamos nos desviando do nosso “verdadeiro caminho” e essas crianças nos tem alertado para uma maior consciência. Tanto é verdade, que hoje vivemos uma situação de violência que não privilegia ninguém, nem mesmo os detentores do poder. Analogamente, ao sairmos para as ruas somos e nos sentimos tão desprotegidos e “violentos” como nossos “pequenos profetas”. São tantos os pequenos profetas: Daniel, Amós, Oséias, Miquéias, Naum, Joel, Ezequiel, Jonas, Malaquias, Zacarias, Jeremias, que nos alertam a todo momento, fazendo suas profecias para que cada um de nós comece uma transformação, que se faz urgente, em nosso próprio íntimo e assim se reflita no coletivo.

Lembrei-me de um conto que ouvi na “CASA”

Era uma vez dois reinos – Campos Elisios (nesse reino havia muita luz) e Tártaro (nesse reino havia muita sombra) - que eram unidos por uma única trilha. Nasceram os seus respectivos príncipes. Meb e Lam, e na grande festa de batizado todas as fadas foram convidadas, exceto uma, que entre os presentes ofereceu a Lam um lápis de cor mágico, o qual daria vida a tudo que ele desenhasse ao longo de sua vida. Na

infância, Lam criou o sol, borboletas, aves, florestas, enfim, um mundo belo e perfeito. Mas conforme foi crescendo, também foram surgindo horríveis monstros e esses eram muitos. O reino de Meb agora passou a lutar contra eles para poder preservar o bem estar e a segurança de todos, e assim começaram as terríveis guerras entre os reinos, até que um dia Lam, com a ajuda de Meb, como se tivesse acordado de um grande pesadelo, entendeu que o seu poder poderia agora destruir a todos e com o lápis de côr conseguiu transformar seus monstros em uma grande força criativa. Agora havia um só reino, muito mais justo, onde seu povo passou a viver em harmonia. E a sua trilha passou a ser chamada "AMOR"

Não basta eliminar os nossos monstros, temos que integrá-los à nossa psique. Penso que só o "amor" será capaz de realizar grandes transformações.

A "CASA" é aberta, funciona das oito às dezessete horas. Em 1996 o projeto tinha como objetivo desenvolver um processo educativo com crianças, adolescentes e jovens mães que sobreviviam trabalhando, ou morando, ou simplesmente passando nas ruas do bairro em questão e adjacências. O projeto da "CASA" hoje tem como objetivo geral estabelecer um plano personalizado de atendimento à criança e adolescente em situação de rua e risco social (aqueles que passam pela rua e voltam para casa no final do dia – a maioria filhos de camelôs e vendedores ambulantes; os já viciados e que fizeram da rua sua moradia; os intermediários – os que oscilam sua permanência entre a rua e a residência da família – verificou-se que parte desta população não permaneceu em grupo, circulam em diversos bairros).

Os objetivos específicos são: fortalecer o vínculo com a criança e o adolescente estabelecendo confiabilidade com os educadores e com o projeto; proporcionar permanência no projeto e/ou atividades externas em período integral; promover orientações quanto à saúde (droga e sexualidade), higiene pessoal e cuidados com o corpo, vestuário e quando necessário efetuar encaminhamentos aos recursos públicos, propiciar

atividades pedagógicas, previamente planejadas visando a construção do seu próprio saber e buscando a sua reintegração social; promover momentos de confraternização e datas comemorativas; orientar quanto a importância da documentação pessoal e encaminhar aos órgãos competentes; fazer um diagnóstico da família (biológica ou não) acionando os recursos públicos da própria região que possam oferecer subsídios para uma reestruturação familiar, com acompanhamento do projeto da "CASA", no sentido de promover o retorno à família, buscar alternativas de encaminhamento – albergues, casas de passagem e casas abrigos; resgatar a auto estima e a cidadania.

A clientela a ser atendida. crianças de 07 a 17 anos, ambos os sexos, em situação de rua e/ou risco social com ou sem vínculo familiar.

O projeto da "CASA" atende 12 a 15 crianças e adolescentes por dia, dentro do espaço físico. Nas atividades externas esse número pode aumentar, assim como no trabalho efetuado nas ruas.

A "CASA" faz visitas domiciliares, orienta e acompanha os familiares nas suas necessidades.

Horários da "CASA": Café da manhã - 8:30 às 9:00 horas

Banho e lavar as roupas - 9:00 às 10:00 horas

Atividades educativas - 10:00 às 11:30 horas (plano de ação mensal)

Atividades externas - 13:30 às 16:00 horas - (oficinas de arte, atividades lúdicas e pedagógicas)

Lanche - 16:00 às 16:30 horas

Desde 1983, 4 a 5 crianças por ano conseguem sair das ruas para as instituições ou retornam às suas casas, com o apoio e acompanhamento da equipe da "CASA" e, ou dos diversos órgãos competentes. A "CASA" não se preocupa com a quantidade mas com a qualidade de atendimento. A maior dificuldade para essas crianças é se libertar do vício da mendicância, que para alguns é mais difícil de superar, do que o

próprio vício do craque. É um trabalho a longo prazo, exigindo a sensatez, paciência e prudência dos sábios.

Como orientar ou encaminhar os meninos de rua:

Substituir o “dar esmolas”, que os mantém no vício da mendicância, por encaminhá-los aos projetos existentes, que são organizados para atendê-los nas suas reais necessidades. Esses projetos não são assistencialistas, são projetos educativos comprometidos em realizar um trabalho preventivo e de reabilitação. São organizados também para atender aos seus familiares.

Assim sendo, sempre que se quiser fazer algum tipo de doação deveria se dirigir diretamente aos projetos. Estes se encarregam de utilizar os recursos obtidos dentro de um plano educativo.

São muitos os projetos existentes na Grande São Paulo, entre eles estão os Conselhos Tutelares do Município de São Paulo (O conselho Tutelar é um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos em seu Estatuto). Em cada município haverá, no mínimo, um Conselho Tutelar composto de cinco membros, escolhidos pela comunidade local. Estes, estão aptos para receber as crianças e adolescentes que necessitem de ajuda por maus tratos, denúncias, ato infracional, etc. É a “porta de entrada” para a criança ou adolescente encontrar soluções de acordo com as suas necessidades.

Conselhos Tutelares do Município de São Paulo:

Butantã – Rua Ulpiano da Costa Manso, 201 – Fone: 842-7211/R.120

Fax: 846-6287

Campo Limpo – Rua Haroldo de Azevedo, 100 – Fone: 5512-0500

Capela do Socorro – Rua Cassiano dos Santos, 270 – Fone: 5667-4619

Centro – Praça da República, 154 – Fone: 259-9282

Freguesia do Ó – Rua Santa Marina, 2187

Guaianazes – Rua Prof. Cosme Deodato Tadeu, 136 – Fone: 207-8764

Ipiranga – Rua Gonçalo Pedrosa, 131 – Fone: 215-3047

Itaquera – Rua Campinas do Piauí, 22/28 – Fone: 6179-8357

Lapa – Rua Guaicurus, 1000 – sala 24 – Fone: 262-8409

Moóca – Rua Taquari, 549 - sala 20 – Fones: 692-2922/292-2122/ R. 350

São Miguel - Rua Dona Ana Flora Pinheiro de Souza, 76 – Fone: 292-9200

Ermelino Matarazzo São Matheus – Rua Francisco de Mello Palheta, 614 Fone: 6919-9899

Penha – Rua Candapuí, 492 – Fone: 6957-3826

Perus/Pirituba – Rua Ylídio Figueiredo, 349 – Fone: 847-0823

Pinheiros – Av Prof. Frederico Herman Jr., 199 – Fone: 211-2777/R.166

Santana – Av Tucuruvi, 808 – 3º andar – sala 315

Santo Amaro Rua Pe. José de Anchieta, 646 – Fone: 548-2382

Vila Maria/Vila Guilherme – Praça Oscar da Silva, 110 – Fone: 219-0136

Vila Mariana – Av IV Centenário, 1451 Fone: 822-6098

Vila Prudente – Av Oratório, 172 – Fone: 6101-0211/R.135 e 6918-0271

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE:

Após a promulgação da Constituição, a articulação dos movimentos sociais manteve-se a fim de garantir a regulamentação do artigo 227 que diz:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”

NOTAS:

(1) meninos de rua: são os que deixaram suas casas e fazem das ruas sua moradia; não são os meninos que pedem nos faróis, porque esses apenas passam pelas ruas.

(2) educador de rua A) aquele que “pastoreia sonhos” (denominação de Débora – educadora da “CASA”); B) aquele que semeia amor e faz a ponte entre a realidade vivida por essas crianças e a possibilidade de construir e/ou resgatar sua própria identidade (minha denominação).

(3) “A música é um fenômeno acústico para o prosaico, um problema de melodia, harmonia e ritmo para o teórico; e o desdobrar das asas da alma, o despertar e a realização de todos os sonhos e anseios de quem verdadeiramente a ama. ”

“A vida é som. A vida é movimento, e o som se origina do movimento.

“De tudo quanto soa, ao redor de nós, imperscrutavelmente e de milhões de modos, só uma pequena parte é que nos penetra a consciência, pelos ouvidos e pelo cérebro. Uma parte ainda menor nos penetra o coração onde pode despertar ecos, e essa parte pequenina é um mundo inteiro. ”

(História Universal da Música – Kurt Pahlen)

(4) Mocó moradia na rua por aqueles que já estão viciados. Essa denominação é da “CASA”

(5) Pequenos Profetas: essa nomeação para se referir aos meninos de rua foi sugerido por Débora, uma educadora de rua que trabalha com essas crianças desde 1981 quando o projeto se iniciou com a Pastoral do Menor. Depois em 1983 foi criado o grupo de rua. Débora possui não somente experiência nessa área pelo seu trabalho de campo, mas por participar de vários congressos internacionais, simpósios, realizados para uma maior reflexão sobre o assunto.

Agradecimentos. Aos educadores da “CASA” e aos “Pequenos Profetas”, pelas inúmeras oportunidades de auto-conhecimento e reflexão que vêm me proporcionando.